

“Riscando a faca” no Raimundo Correia

LUIZ ALBERTO DOS SANTOS

EMEF RAIMUNDO CORREIA

O seguinte trabalho aconteceu no segundo semestre de 2012 na EMEF Raimundo Correia, localizada no distrito de São Miguel Paulista, bairro do Jardim Helena, na zona leste de São Paulo. Foi desenvolvido junto a quatro turmas de sétima série (7ªA, B, C e D) e uma de quinta série (5ªA). Porém, para uma melhor compreensão, neste relato será explicitado somente o caminho percorrido pela 7ªC.

Desde 2010, a escola tinha como tema do Plano Especial de Ação (PEA¹) a “Diversidade Cultural”. No ano de 2011, ao optar pela Jornada Especial Integral de Formação (JEIF²), participei das discussões referentes à amplitude deste tema e da necessidade de fechá-lo em subtemas que pudessem ancorar-se em questões pertinentes à comunidade escolar e que poderiam ser aprofundados com os/as alunos/as.

Em 2011, pensando nas discussões, o tema que orientou o PEA da unidade escolar (UE) foi a “Cultura Africana”, já neste ano, após as reuniões que antecederam o início das aulas, ficou acordado o tema “Cultura Nordestina”, pois, segundo a fala de alguns/as professores/as, São Miguel Paulista é um dos distritos com maior concentração de migrantes nordestinos da cidade de São Paulo. Outro ponto que justificou a escolha do tema foi a pesquisa realizada pelo professor de história recém-chegado na UE, que tinha como objetivo descobrir a origem de nossos/as /as alunos/as, aplicando um questionário respondido pelos/as responsáveis. Nessa pesquisa, pode-se perceber que grande parte dos/as estudantes possuíam familiares oriundos da região nordeste, muitos deles da Bahia e Pernambuco.

Isso posto, iniciei o mapeamento do entorno da escola observando as práticas corporais presentes no bairro, estas mais decorrentes de esportes e brincadeiras. Já no início do ano letivo, fiz as seguintes perguntas a todas as turmas: “O que já haviam

¹ O Plano Especial de Ação complementa o Planejamento Pedagógico das escolas do município de São Paulo.

² Jornada Especial Integral de Formação, onde os professores que optam por esta jornada cumprem uma hora e meia diária de estudos referentes ao PEA.

estudado nas aulas de Educação Física? e O que faziam fora da escola que gostariam de estudar referente às manifestações corporais?”. A dança surgiu como resposta à segunda questão em todas as sétimas séries. Na 7^aC, a aluna Bianca afirmou que dançava em uma instituição chamada CIJASA³ situada nas proximidades da escola. Ficamos sabendo que além dela, muitos/as de nossos/as alunos/as a frequentavam. Perguntei quais danças ela praticava. Ela disse ter aulas de jazz e dança de rua. Questionei os outros/as alunos/as sobre a dança, se sabiam dançar e se conheciam outros estilos. Alguns meninos disseram conhecer e saber dançar psy, outros/as disseram saber dançar funk.

Atento a esses diálogos e revisitando o mapeamento inicial, além de observar durante as aulas o uso do celular e das caixas de música que tocavam diversos ritmos, elenquei a dança como tema de estudo. Ao dialogar com os/as alunos da 7^aC sobre o tema, ouvi reclamações tanto por parte dos meninos quanto das meninas, dizeres como: “não vou dançar”, “prefiro jogar bola”, “eu tenho vergonha”, logo surgiram e juntaram-se a outras falas: “melhor dançar que jogar futebol”, “eu só sei dançar psy”, “professor, põe um funk aí que a gente dança”.

Iniciamos o estudo mapeando quais danças os/as alunos/as conheciam e nessa conversa surgiram psy, eletrônica, sensualize, pagode, street dance, funk, break, forró, axé, sertanejo, rock, reggae, rap, samba e balé. Expliquei à turma a necessidade de nosso tema de estudo estar atrelado ao projeto da escola, que nesse ano tinha como objetivo trabalhar a cultura nordestina e sua contribuição na construção do bairro. Em seguida, a aluna Ingrid pediu a palavra e disse: “forró e axé”. A grande maioria da turma compartilhou a ideia, menos a Fábria: “na cidade em que eu morava no Nordeste não tocava forró, tocava mais o pagode”. A fala da Fábria deu início a uma grande discussão em torno do que faz parte da cultura nordestina. Aproveitei o momento para perguntar: “quem de vocês nasceu ou tem algum familiar ou amigo/a que veio da região Nordeste?” Grande parte da turma tinha familiares nordestinos, mas somente a Fábria tinha nascido lá, precisamente na Bahia.

Para dar prosseguimento ao trabalho, após ter analisado as falas que foram registradas, sugeri aos/as alunos/as que elaborássemos perguntas aos familiares que possuíam a origem nordestina para que pudéssemos acessar mais informações acerca de

³ Centro Infante Juvenil de Acolhida Santo Agostinho.

quais manifestações corporais relacionadas às danças aconteciam (ou acontecem) no Nordeste. Também expliquei que ninguém melhor que as pessoas vindas dessa região para falar sobre, pois não poderíamos ter somente nossas representações junto às da Fábria como referência. Complementando a explicação, disse ter levado em consideração o fato de grande parte da turma ter ascendência nordestina e, aos que não a possuíam, sugeri a entrevista com amigos/as, vizinhos/as ou funcionários/as da escola.

Elaboramos as perguntas. Nem todos/as realizaram a pesquisa, mas as respostas obtidas foram socializadas com a turma. Durante a leitura, as danças que surgiam eram registradas na lousa para posterior análise. Constatamos que o forró, o axé e a quadrilha foram as mais citadas pelos/as entrevistados/as. Sendo assim, elencamos o forró como manifestação corporal a ser estudada num primeiro momento por ter sido a mais citada e conversamos sobre a possibilidade de estudar o axé e a quadrilha mais adiante.

A fim de reconhecer as representações da turma sobre a manifestação, perguntei se o forró era um só. Grande parte da turma afirmou que não sabia, somente a Amanda disse existir o forró pé de serra e o universitário. Alguns alunos disseram não existir o forró universitário, mas sim o sertanejo universitário, iniciando outra discussão.

Para continuar mapeando as representações e, de alguma forma, aprofundar e ampliar o conhecimento dos/as alunos/as sobre a manifestação e de como dançavam os representantes desta prática, baixei alguns vídeos da internet. Na aula seguinte apresentei os quatro vídeos: forró universitário, forró eletrônico, baião e forró gospel. Os/as alunos/as se empolgaram muito ao ver o vídeo do forró eletrônico e ficaram surpresos ao saber que existia o forró gospel. Durante a leitura dos vídeos, pedi que narrassem suas impressões sobre a música e a dança. João Victor logo pediu a palavra e disse ser “uma dança zoada”, a Bianca disse ser “uma dança muito sensual”, para a Eduarda era “muito legal o jeito de dançar”. Ao questionar sobre onde poderíamos acessar a música e a dança em nosso bairro, o João disse que era mais tocada nos bares. O Emerson contou que havia um na esquina de sua casa que só toca forró eletrônico. A Ingrid lembrou que tocava forró nas casas do norte e o Vicente lembrou que havia baladas nordestinas conhecidas como “risca facas”, onde as pessoas dançavam esse tipo de música.

Com essas representações, visitei as Orientações Curriculares do Ensino Fundamental II – Educação Física para elencar as seguintes expectativas de aprendizagens para o período letivo:

- Respeitar as características das danças brasileiras, bem como seus participantes, reconhecendo as formas (vestuário, ritmo, instrumentos, passos) e origens (contexto sócio-histórico e cultural) dessas manifestações como fenômeno cultural, mediante as vivências e demais situações didáticas.
- Cultivar e valorizar a cultura rítmica brasileira ampliando seu conhecimento a respeito das danças pertencentes à cultura popular, contribuindo para sua preservação e desenvolvimento, mediante as vivências.

Registradas as falas dos alunos e elencadas as expectativas de aprendizagem, questionei-os sobre nossas vivências, perguntando como poderíamos vivenciar já que nem todos/as sabiam dançar forró, muito menos eu que nunca tive intimidade com a dança. A Fernanda sugeriu que ficássemos na sala, abrísssemos um espaço no meio da com a retirada de mesas e cadeiras e quem quisesse dançar dançava, pois pensava no constrangimento em dançar na frente de outras pessoas se as vivências acontecessem na quadra. Perguntei se concordavam com a sugestão da Fernanda. Como grande parte disse que sim, combinamos que as vivências seriam na sala. Também expliquei como poderiam fazer os registros e sugeri que traria uma câmera e escolheria alguém para filmar e fotografar as vivências. A pessoa também faria o registro da aula no caderno de registros da sala. Perguntei quem tinha CDs de forró para trazer na aula seguinte. Muitos/as se prontificaram, porém, no dia marcado somente o Edson trouxe. Como prevenção, eu mesmo levei algumas músicas.

Ouvimos algumas músicas do CD do Edson para escolher as músicas. A turma escolheu a banda Djavú⁴. Inicialmente, todos/as estavam envergonhados/as, mas logo que a Fernanda chamou a Bianca para dançar, outras meninas também começaram dançar no meio da sala. Para minha surpresa, alguns meninos também participaram da

⁴ Banda de Belém do Pará de forró tecnobrega. Possui um DJ que mistura os ritmos da música eletrônica com as batidas do forró eletrônico.

vivência, inclusive perguntando e observando como as meninas faziam. Copiando as meninas, dançavam entre eles.

Na aula seguinte, levei para discussão os acontecimentos que me chamaram atenção nas vivências, perguntando sobre a vergonha e sobre as poucas vezes que dançaram em casais. Disseram que era legal dançar forró, porém era diferente dançar na escola ou em uma festa, pois na festa não se importam com as outras pessoas e na escola não queriam “pagar mico”. Por isso tinham vergonha e os meninos brincavam com as meninas quando elas tentavam ensinar a dança. Expliquei que precisávamos respeitar e tentar aprender, não sendo justo o desrespeito com as meninas. Para diminuir a vergonha poderíamos continuar as vivências em espaços onde não houvesse ninguém estranho à turma. Após as discussões, combinamos continuar a vivência na quadra. Sugeri que formássemos grupos de alunos/as que sabiam dançar com alunos/as que estavam aprendendo. Na quadra, somente as meninas participaram, alguns meninos se aproximaram, perguntaram, mas não vivenciaram. Questionei o grupo novamente, afirmando que a vergonha era o principal empecilho para participação dos meninos e disse que a próxima aula poderia ser no anfiteatro da escola, pois o espaço e o som ajudariam nas vivências. A turma aceitou a ideia.

No anfiteatro as vivências prosseguiram com uma menor inibição dos meninos e com as meninas explicando aos interessados. Os/as demais ficavam observando a aula, alguns/as levantavam, dançavam e depois sentavam novamente, outros/as não saíam do lugar. Questionei a não participação e a vergonha, não saber dançar, não gostar de forró, surgiram como respostas. Porém, estavam achando legal observar os/as colegas dançando.

Após refletir sobre a metodologia adotada, propus a releitura dos vídeos, agora um pouco mais orientada. Desafiei a turma a analisar as diferenças nos estilos de forró, no modo de dançar, o que mais lhes chamava a atenção e o porquê. Também perguntei a respeito dos lugares onde poderíamos acessar a dança de forró. As respostas fizeram menção às diferenças de velocidade das músicas e danças, como também no modo de dançar, pois os/as alunos/as perceberam que no caso do xote, as pessoas dançam um pouco mais distantes, no forró universitário estão mais coladas e no forró eletrônico a dança é mais sensual. Para dar continuidade, também realizamos a análise das músicas.

Selecionei o xote, baião, forró universitário e o forró eletrônico e a turma comentou as diferenças.

Os posicionamentos foram registrados na lousa. Os instrumentos e as letras foram apontados como o grande diferencial entre as modalidades. Quando questionados/as, alunos/as mencionaram a “tecnologia”, “os novos instrumentos que surgiram e a evolução do ritmo”. Afirmaram que se houvesse apenas o xote e o baião, o forró não teria tanta popularidade entre os jovens. Após essas discussões, propus uma pesquisa sobre os forrós analisados e suas diferenças. Sugeri os sites⁵ que já havia visitado.

Para dar continuidade às discussões sobre a dança e às vivências, propus uma entrevista com a Edileuza, funcionária da escola na área da limpeza. Ao observar uma de nossas aulas na quadra e ser questionada sobre os locais onde acontecia o forró, ela disse que sabia e já havia frequentado muitos salões de dança. Antes de agendar a atividade, perguntei ao grupo se queriam elaborar questões com antecedência. Preferiram que o encontro consistisse em uma conversa sem muita formalidade. Caso surgisse alguma pergunta poderia ser feita na hora da discussão.

A entrevista com a Edileuza possibilitou o acesso a outras representações sobre os locais de dançar e sobre o próprio forró. Ela explicou que começou a dançar quando criança, que dançar fazia muito bem à saúde e que não precisava de bebidas alcoólicas para dançar porque ela mesma não bebia.

Os/as alunos/as perguntaram se ela já havia participado de campeonatos de dança. Ela respondeu que não, mas que treinou muito suas filhas e elas participaram de muitos e haviam vencido alguns. Também perguntaram se já tinha sofrido preconceito por dançar forró. A resposta foi negativa. Também fiz um questionamento referente à dança do forró eletrônico, se sabia nomes dos passos. Para ela, o forró eletrônico era uma mistura de lambada, universitário, sertanejo e por ser tratar de uma mistura, possuía vários passos. Ao final da conversa os alunos tiveram a oportunidade de dançar com a convidada. Passados alguns minutos e vencida a vergonha inicial, tanto os meninos quanto as meninas dançaram e aprenderam passos com a Edileuza.

⁵ Os sites sugeridos foram: <http://cliquemusic.uol.com.br/generos/ver/forro> e; <http://www.fazfacil.com.br/lazer/como-dancar-forro/>

Foi uma atividade bastante significativa, pois os alunos tiveram a oportunidade de acessar um conhecimento que não era o técnico, mas sim a experiência de uma praticante que aprendeu a dançar no contexto de origem do forró.

Na aula seguinte foi lida a pesquisa da aluna Luana sobre o forró pé-de-serra, o universitário e o eletrônico. Durante a socialização, percebemos os instrumentos pertencentes aos forrós pesquisados e as diferenças de ritmo, dança e das letras, pois, enquanto o forró pé-de-serra retratava as agruras do sertão, o universitário abordava o amor e o romantismo, as letras com duplo sentido do forró eletrônico falam em sexo, traição e, segundo a turma é o que chama a atenção dos jovens.

Prosseguindo com o estudo do forró, discutimos as questões de gênero trazidas por algumas letras⁶ do forró eletrônico. Durante as discussões, os alunos registraram suas interpretações na lousa. Percebemos que as mulheres, nas letras observadas, recebiam adjetivos como "safada", "vadia", "periguete". Quando questionei a razão de tantos adjetivos pejorativos para as mulheres e poucos para os homens, a Eduarda disse que "as mulheres são as que mais ficam faladas pelas outras pessoas, porque homem pode tudo, ficar, sair, já a mulher quando faz isso é vagabunda, safada, não presta". Após essa fala perguntei a turma se as músicas que estávamos analisando contribuía para pensarmos dessa forma, se elas construía certos tipos de homem e mulher. Grande parte do grupo respondeu que sim, pois as músicas expressavam isso. Outros disseram que não, pois as pessoas só se importam em dançar e não prestam atenção na letra. Pedi aos alunos que analisassem cuidadosamente a letra de uma música de forró eletrônico. Alguns apontaram questões de gênero e o consumo de álcool. Durante a socialização dos trabalhos, alguns alunos disseram que as mulheres e os homens que vão ao bar são cachaceiras e cachaceiros e que as mulheres só frequentavam esses lugares para procurar homens.

Para aprofundar a discussão, realizamos a leitura de um vídeo com entrevistas de pessoas que frequentam o bar para dançar forró. Os alunos acessaram o jeito de dançar das pessoas, além de suas falas sobre a bebida, as roupas que usavam, onde haviam aprendido e porque iam ao bar dançar forró. Também pedi à turma para observar e

⁶ As músicas analisadas foram: "Samara" da banda Capa de Revista, "Rendida arrependida" da banda Cavaleiros do Forró e "Enfinca" da banda Aviões do Forró.

registrar suas impressões sobre o tipo de forró que estava tocando na gravação, a dança, os entrevistados e as suas falas, além do ambiente em que se encontravam.

Na aula seguinte, solicitei a leitura dos registros sobre o vídeo em voz alta. Amanda iniciou dizendo que nem todos iam ao bar só para beber e que isso havia chamado muito sua atenção, pois, antes de assistir ao vídeo, ela acreditava que as pessoas só estavam ali para beber. Já Washington disse que o forró que estava tocando no bar era o eletrônico e que a banda misturava o ritmo do forró com letras de músicas sertanejas. Vicente ficou impressionado com a forma das pessoas dançarem mesmo sem saber os nomes dos passos que faziam ou mesmo ter frequentado algum lugar específico para aprender, também percebeu que em algumas músicas as pessoas dançavam sozinhas, como alguns meninos e meninas fizeram durante as vivências nas aulas. Alef observou que as pessoas que se encontravam no bar eram, em sua maioria, jovens que gostavam de ir ao bar somente para dançar, segundo as falas dos entrevistados.

Continuando as atividades, organizamos a vivência do forró eletrônico como nas outras aulas, porém percebi que as meninas tentavam copiar alguns passos vistos no vídeo e ensinados pela Edileuza, os meninos tentavam criar passos para dançarem sozinhos e algumas meninas dançavam com meninos que tentavam incrementar suas danças com giros, tanto do menino quanto da menina.

Para continuarmos o estudo, passamos a estudar o forró pé-de-serra, analisando músicas cantadas por Luis Gonzaga e como se referiam ao Nordeste. As músicas selecionadas foram “Pau de Arara”, “Petrolina Juazeiro” e “Asa Branca”. Ao analisarmos as letras, fui explicando que segundo estudos⁷ nesta área, essas e outras músicas do gênero ajudaram a construir a forma com a qual pensamos o Nordeste hoje. Como exemplo, citei o fato de a primeira música dar a impressão de que para se dar bem na vida seria necessário sair do sertão. A segunda fala da questão da saudade que a pessoa sente ao deixar seu local de origem, recordando apenas dos lugares bonitos, e a última música, intitulada por algumas pessoas e pela própria turma como sendo o “hino do Nordeste”, trata do sofrimento do povo nordestino. Após essas falas, Fábria pediu a palavra e disse que não havia seca na cidade em que morava na Bahia. Como havia

⁷ Os estudos citados no relato contribuíram tanto para esta discussão quanto para as questões de gênero ditas anteriormente. Os textos consultados para estudo foram: Currículo, Gênero e Nordestinidade: o que ensina o forró eletrônico; e: Enredos da tradição: a invenção histórica da região Nordeste do Brasil.

conversado com o professor de Geografia, pude contar aos alunos que somente algumas cidades sofrem com a seca por períodos de tempo. Em muitas regiões do Nordeste chove tanto quanto no Sudeste.

Continuamos a conversa e perguntei o que os alunos pensavam dessa discussão sobre as músicas de forró eletrônico e pé-de-serra. Não imaginavam que as músicas de forró poderiam fazer tudo isso. Questionei-os sobre outras situações que influenciavam os pensamentos e ideias sobre as pessoas. Leonardo citou como exemplo o fato de, nas novelas, quando o cabeleireiro ou maquiador é homem, são sempre homossexuais. Alguns alunos concordaram com essa fala, outros disseram que se em todas as novelas são assim, óbvio que iríamos pensar dessa forma.

Na aula seguinte, assistimos uma entrevista com um professor de dança de salão previamente selecionada. Orientei a turma para observarem e registrarem as semelhanças e diferenças com as danças do bar e os nomes dos passos ensinados pelo professor. No vídeo, o professor explicou a evolução do forró, dizendo ser o pé-de-serra a base de todas as outras, seja do eletrônico ou do universitário. Também explicou a diferença das danças da academia e do bar, além de demonstrar os passos do forró pé-de-serra⁸. Durante a assistência, alguns alunos compararam com a dança do bar e perceberam que alguns passos eram realizados em ambos os espaços, mesmo as pessoas do bar não tendo aprendido a dançar na academia. Em compensação, certos passos foram considerados muito difíceis de serem realizados. Após a leitura, propus a vivência do forró pé-de-serra. Somente as meninas tentaram dançar, enquanto os meninos iam orientando a dança ao acompanhar as explicações do professor no vídeo.

Para poder compreender melhor as representações dos/as alunos/as acerca de todo o trabalho realizado, encaminhei uma atividade sobre o que havíamos aprendido em relação aos tipos de forró, instrumentos, letras das músicas, modos de dançar, passos e os ambientes onde se dança. Com essa atividade pude perceber que alguns caminhos traçados no trabalho não foram discutidos com a devida atenção, especialmente as pessoas que dançam forró, enquanto outros foram destacados – os diferentes ritmos, as vestimentas e os modos de dançar.

⁸ Os passos demonstrados pelo professor foram: o passo básico do forró, saída lateral, cacau, cacuriado e contra tempo do forró.

Outra atividade utilizada para avaliar o trabalho foi a filmagem de algumas falas dos/as alunos/as sobre as atividades desenvolvidas. Os elementos mencionados acima foram novamente observados, indicando muitas fissuras e desalinhos ao longo do trabalho. Todavia, de certa forma, foi possível aprofundar e ampliar o olhar da turma em relação ao forró, seu ritmo e sua dança, um traço importante da cultura nordestina.